- Cleromancia Gálica –

Celtocrābiįon - Condēu̯os Andīliχtos

Premissa

Ao longo dos tempos, nos sítios de escavação arqueológicos, outrora ocupados pelas tribos Gálicas, foram achados conjuntos de dados. A maioria são bastante semelhantes aos que usamos hoje em dia, tendo o objetivo de serem usados em competições e jogos. Contudo, em Bibracte – outrora conhecida como *Bibraχtā* – capital dos *Aędu̯ī*, foi achado um curioso conjunto de dados, sendo que nenhum deles se assemelhava aos que foram encontrados em outras escavações. Qual seria o seu objetivo?

Explanação

Como já foi mencionado na introdução desta "tese", já foram encontrados imensos exemplos de dados cúbicos em uma boa parte do mundo gálico – exceto na Galátia, tanto quanto sei – e todos são semelhantes entre si, como o leitor pode comprovar nos seguintes exemplos.

Primeiramente, temos um relativamente colorido exemplo de dados expostos no Musée Lapidaire[1], que foram feitos com uma considerável variedade de materiais. Alguns dos dados ainda preservam a tinta que lhes foi aplicada aquando da altura em que foram fabricados e usados.

celtocrabion

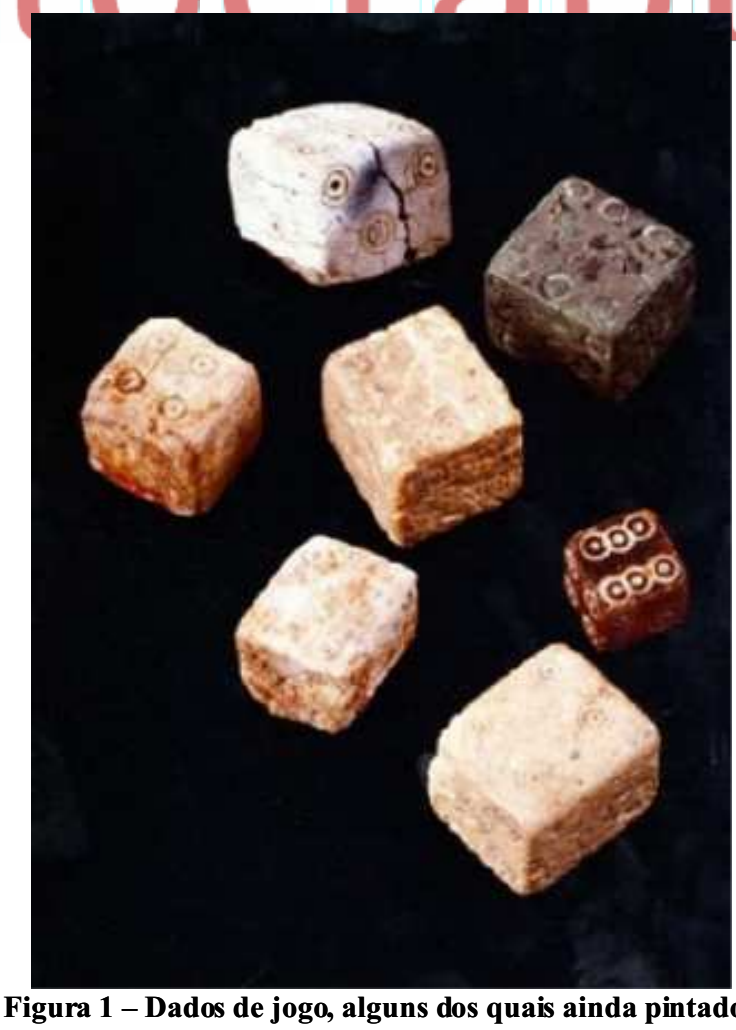

Figura 1 – Dados de jogo, alguns dos quais ainda pintados.

[1] - www.musee-lapidaire.org

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

O exemplo seguinte provém da magnífica escavação que está a ser feita na *commune* de Acy-Romance[2], na região de Champagne-Ardennes, no norte França. Os dados em questão – não exatamente cúbicos – são feitos de osso (sem ter sido precisado qual o animal) e foram achados nas ruínas de um antigo silo. Isto revela que a casta que lhe deu uso foi a produtora, ou seja, o seu uso era, tal como seria de esperar, para fins lúdicos.



Figura 2 – Dados de jogo feitos em osso.

Celtocrabiion

O último exemplo é o de um único dado – assim disposto na exposição – que foi encontrado num túmulo que pertenceu, a uma mulher relativamente abastada. Achado na *commune* de Peyrehorade, o dado estava acompanhado de agulhas para coser e alguns instrumentos para aplicar maquilhagem; contudo, a descoberta já data da época Galo-Romana, nomeadamente do séc. III EC.



Figura 3 – Dado de jogo feito em madeira.

[2] - http://www.gaulois.ardennes.culture.fr/en

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

Como sabemos que os dados acima mostrados tinham uso lúdico? Além dos locais em que foram achados – que oferecem provas de quem eram os indivíduos que outrora os usaram – temos exemplos vindos dos povos mais próximos. Que melhor exemplo do que alguns dados romanos achados em Londres?



Figura 4 – Dados de jogo romanos, feitos de madeira.

Celtocrabion

Na figura acima, é possível observar que não diferem muito dos dados das Figuras 1 e 2. Este exemplo dispõe até de um recipiente para agitar e atirar os dados para cima de uma superfície, tal como acontece nos tempos modernos, principalmente em casinos.

Então, quão diferentes eram os dados achados em Bibracte? Consideravelmente, como pode ver na figura abaixo.



Figura 5 – Dados alongados com apenas uma face gravada, datados do séc. II AEC.

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

São bastante diferentes, e pouco práticos num contexto de jogo de sorte, pelo que o seu uso para fins lúdicos deve ser posto em causa.
Para começar, apenas uma face das peças – feitas de osso (novamente, de animal não especificado) e cerâmica – se encontra gravada, além de que o formato das ditas cujas é diversificado, havendo-as longas e curtas, e em várias cores. Até o próprio número de marcas é bastante diversificado.

Citando e traduzindo a análise facultada pelo Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Landeau 2000: 5):

"*Estes dados alongados singulares são frequentes em sítios* [arqueológicos] *gálicos da Segunda Idade do Ferro. Claramente não eram utilizados da mesma maneira que os dados cúbicos, que já estavam em voga naquela época, no mundo mediterrâneo. É tentador associá-los a práticas de divinação baseadas em numerologia.*"

Infelizmente, não consegui encontrar mais exemplos de dados alongados em outros sítios arqueológicos além do de Bibracte, mas terei de aceitar a afirmação do documento.

Estes dados lembram o ato que, em Francês, é chamado de *jeter de bouts de bois*, ou seja, "tirar à sorte" com pedaços de madeira. Mas como podemos ter a certeza de que os dados alongados eram usados para divinação? Para tal, teremos de procurar referências da época, não só gálicas, mas também romanas…

Celtocrabion

Tacitus, "*Dē Orīgine et sitū Germānōrum*", Capítulo X:

"*São* [entre outros povos], *os que mais observam augúrios e oráculos. O costume de tirar à sorte é simples. Cortam uma vara de árvore frutífera e espalham discretamente, ao acaso, assinalando-as, sobre um pano branco.*
Depois, se houver consulta de interesse público, o sacerdote da cidade, ou o próprio chefe de família, no interesse particular, questiona os deuses, olhando os céus: pega em três pedaços e interpreta-os segundo o sinal gravado.
Se houver proibição, nenhuma consulta se faz no mesmo dia acerca da mesma coisa; se permitirem, exige-se a confirmação dos auspícios."

Plīnius, "*Historia Nātūrālis*", Capítulo XXV:

"*Os Gálios utilizam-nas (a verbena* [Verbena officinalis] *macho e fêmea) para tirar à sorte e para anunciar as profecias.*"

Estes dois relatos referem-se a uma prática semelhante para fazer divinação através de pedaços de madeira, método que, juntamente com o uso de dados, é englobado na arte da cleromancia.
Apesar de o primeiro excerto citado não se referir aos Gálios, mas sim aos povos Germânicos[3], não deixa de ser curiosa a vaga semelhança das duas práticas, se bem que o relato de Plīnius não é completo o suficiente para sabermos o método utilizado.

[3] - É possível postular que o método descrito por Tacitus tenha sido o percursor da divinação através de runas, como levado a cabo mais popularmente na Escandinávia.

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

No entanto, é de notar que Tacitus afirma que os Germanos eram os que mais tempo dedicavam à prática de divinação através de métodos de tirar à sorte, de entre os povos vizinhos, ou seja, os Gálios e, possivelmente, os Bálticos.

Contudo, existem provas indiretas do uso de métodos de tirar à sorte na Gália, que estão registadas no calendário de Coligny. Neste valioso artefacto, encontram-se, num dia (aparentemente aleatório) do princípio de cada mês, as seguintes inscrições: *PRINNI LAGET* e *PRINNI LOVDIN*. A primeira anotação aparece apenas uma vez em cada mês nefasto (de 29 dias), enquanto que a segunda aparece duas vezes em cada mês propício (30 dias).
Como Xavier Delamarre (2003: 253) analisa, facilmente, o termo *PRINNI* corresponde a um genitivo singular *prinnī*, 'da árvore/madeira'. A dicotomia entre *laget* e *loṷdin* – cuja etimologia fica, na obra de Delamarre, por explicar na totalidade – seria a de que nos meses nefastos, não se deveria levar a cabo a divinação através dos métodos de tirar à sorte, por outro lado, nos meses propícios, já seria apropriado fazê-lo, no período propriamente assinalado para tal atividade: entre cada anotação de *Prinnī loṷdin*.
Apesar de Delamarre (2003: 253) preferir ver *laget* como uma forma do verbo 'deitar' 'pousar' (**leg-e-*) na terceira pessoa do singular no presente do indicativo, não há forma de explicar a vogal interna /a/. Assim sendo, creio que seja mais simples atribuir *laget* a uma raiz **slh*$_2$*g*^{w}- ('tomar' 'agarrar') do Proto-Indo-Europeu, nomeadamente a uma variação **(s)lh*$_2$*g*- que deu origem ao Anglo-Saxónico *læccan* ('agarrar'); **(s)lh*$_2$*g*- regularmente originaria um Proto-Celta **lag-e/o-* e, consequentemente, o Gálico *laget*, ao qual atribuirei o significado de 'guardar' 'armazenar' (Kroonen 2013: 325). Portanto, *Prinnī laget* significa '[ele] guarda das madeiras'.
Quanto a *Prinnī loṷdin*, Delamarre (2003: 253) menciona que a expressão seria hipoteticamente aparentada ao Bretão *luziañ*, 'emaranhar' (**loṷd-e/o-*). Contudo, *loṷdin* provavelmente é mais do que um verbo, no sentido em que contém não só a raiz verbal já referida, mas também um clítico *-in* que corresponde à forma acusativa singular do pronome pessoal masculino *is* ('ele'). Assim sendo, *loṷdin* é uma contração de um anterior *loṷde-in* ('emaranha-o'), pelo que *Prinnī loṷdin* significa '[tu] emaranha-o da madeira'.

Celtocrabbion

Proposta de Reconstrução

Tomando – no mínimo – as provas do calendário de Coligny e os achados arqueológicos de Bibracte como coincidentes e mutuamente explicativas, será que reconstrucionistas gálicos poderiam aproveitar este método para as suas práticas, de modo a não terem de recorrer tanto a métodos de outras culturas?
A minha visão é que tal é, sem dúvida, possível, mas convém que se tenha noção de que se trata de uma reconstrução, não de um método miraculosamente resgatado. No máximo, pode-se considerar que houve alguma inspiração divina na reconstrução deste método, uma vez que o contacto com os deuses e o saber dos valores que eles defendem foi essencial para que este método fosse engendrado.

Contudo, além de basear este sistema divinatório nos escritos de Plīnius e Tacitus, assim como nos achados arqueológicos previamente referidos, irei ter em conta outro método divinatório muito antigo, que foi usado nos Estados Helénicos e no sudoeste da Anatólia: a astragalomancia. Este método consistia, na sua forma original, em pegar em

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

5 astrágalos[4] aleatórios – ou seja, ossos que articulam a tíbia ao calcâneo – e lançá-los, ou em tomar apenas um astrágalo e lançá-lo 5 vezes sucessivas. Em tempos mais recentes, foi cada vez mais comum ver dados com marcas negras a substituir os astrágalos de animal e os seus curiosos formatos com valor numérico próprio. Fosse qual fosse a forma, a cada sequência específica de números e seu valor total era atribuído um verso muitas vezes relativo a um deus ou deusa, que serviria como conselho.
Tendo em conta a influência dos Helenos sobre os Gálios, especialmente no que toca trocas comerciais – sendo que belíssimas objetos de origem helénica já foram achados em túmulos reais gálicos, como em Vix (Côte d'Or) – não é de todo despropositado pensar que os Helenos poderão ter tido alguma influência em alguns aspetos da sociedade gálica, sendo comum que inovações populares sejam transmitidas facilmente entre culturas (Koch 2006: 1742-1743).
Uma vez que o sistema atestado em Bibracte claramente requeria o uso de um sistema de numerologia, irei propor um género de híbrido entre a astragalomancia helénica e o método gálico, com as necessárias adaptações à cosmovisão dos Gálios e demais povos Celtas.

Antes de mais, é preciso ter em atenção o número de peças que foram encontradas, e que se presume ser o número total do conjunto (per figura 5):

Número de pontos	Tamanho	Padrão
3	Médio (± 3cm)	Organizado
4	Curto	Organizado
5	Curto	Desorganizado com uma marca descentrada
5	Médio	Organizado
6	Médio	Desorganizado com marcas em extremidades diferentes
6	Médio	Organizado
7	Curto	Organizado
9	Longo (5cm)	Organizado e em fila única

Celtocrābulon

Excluindo a curiosa seleção de números – algo que também ocorria em astragalomancia, se bem que com outros valores, mas, igualmente, sem critérios claros – creio que é necessário ter em conta a disposição atribuída a cada conjunto de pontos. Porque é que, por exemplo, uma das peças com 6 pontos tem 4 juntos uns dos outros, mas 2 separados dos outros 4? E porque é que a outra peça com 6 pontos os tem clara e premeditadamente divididos em 3 conjuntos de 2 pontos? Dificilmente terá sido uma decisão esporádica. A minha visão é que a forma como os pontos estão dispostos pode influenciar qual o procedimento divinatório, pelo que tal será referido posteriormente.

Tendo em conta os relatos de Tacitus e de Plīnius, os materiais podem ser variados, se bem que o mais tradicional seria a madeira, que deu origem à expressão francesa *jeter de bouts de bois*, que tem um "antecedente" numa inscrição gálica tardia na telha nº16 de Châteaubleau: *incorobo u̯idō* ('para o atirar da madeira'), nominativo singular *incoron u̯idō*, semelhante ao Irlandês Antigo *di chor cruinn* (Delamarre 2003: 190).

[4] - Em Helénico Antigo: *astrágaloi* (ἀστράγαλοι).

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

Porém, a julgar pelos dados achados em Bibracte, é perfeitamente possível e aceitável usar outros materiais, como osso e barro.

Em seguida, segue-se uma detalhada explicação da metodologia aplicada para utilizar este método divinatório.
O primeiro passo deverá ser o fabricar dos dados, com um ou mais materiais por conjunto, sendo que a escolha fica ao critério das preferências do praticante, ou das limitações em achar os materiais. Creio que seja importante que as disposições de pontos sejam mantidas idênticas àquelas achadas no conjunto de Bibracte.

Em seguida, os dados devem, idealmente, ser consagrados a uma divindade que possa ser identificada como tendo poder sobre certos tipos de divinação que envolvam sorte; pessoalmente, identifico Lugus como sendo o deus ideal para tal situação, não só devido a comparações aos seus semelhantes – Mercurius e Hermês – mas também porque a sua iconografia nativa alude para capacidades proféticas não só de forma simbólica como também por via de associação a animais vistos como representando a viagem entre mundos, como em Euffigneix e Lyon. Porém, também é possível apelar a um deus solar – Belenos, Grannos… – pois também se considerava que o sol tinha poderes oraculares (como em Roma e Estados Helénicos), se bem talvez fosse através de métodos que recorriam ao uso de substâncias psicoativas como o meimendro. Ou, então, talvez seja possível apelar às Mātronās / Mātres, uma vez que estas podiam ser representadas a fiar, um ato não só de importância doméstica, mas também representativo do destino (Green 1992: 194). Seja qual for a divindade a que se apela, os detalhes do funcionamento do sistema deverão ser minuciosamente explicados, de modo a que este possa verdadeiramente servir como uma forma de comunicação entre o praticante e a divindade[5].
Os dados deverão ser guardados num saco ou pequena caixa, para que possam ser transportados fácil e seguramente, e para que possam ser ocultos da visão daqueles que procurariam interferir no processo de tirar à sorte.

Uma vez que a consagração tenha sido completa, é possível começar a usar o método em questão. Todavia, existem duas "limitações": a primeira é que este método não é feito para atribuir simples respostas positivas ou negativas, uma vez que a interpretação é feita através de versos. As questões a apresentar ao deus ou deusa devem estar num formato semelhante a: *posso prosseguir em X situação?* Não quer isto significar que seja impossível deduzir uma resposta tão clara e satisfatória quanto um 'sim' ou um 'não', mas as previsões terão um cariz mais semelhante a conselhos.
O segundo e último ponto a ter em conta, é mais uma recomendação do que uma limitação, dependendo das necessidades do praticante. Pessoalmente, quando pratico divinação prefiro tentar entrar num estado mental diferente do normal, ou seja, num estado com perceções mais "elevadas". Algo semelhante ao transe, de modo a melhor colocar-me num estado em que seja mais fácil receber sugestões do divino [6], sem ter

[5] - De forma semelhante ao que ocorria entre Helenos e Nórdicos, era normal consagrar um sistema divinatório a um deus específico: entre Helenos, poderia ser Hermês e/ou Apóllōn, T^{h}émis, ou At^{h}ēnâ, mais normalmente; por outro lado, entre os Nórdicos, sabemos que Óðinn teria sido a melhor escolha, uma vez que este era visto como criador das runas que compõem o *Futhark* Mais Velho. Isto significa que as questões para as quais se desejasse uma resposta seriam dirigidas ao deus responsável pelo método divinatório a ser usado.
[6] - Frequentemente crê-se que, em certos métodos de divinação, a respetiva divindade padroeira influencia o vaticinador enquanto este pratica a sua arte.

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

interferências das preocupações do dia-a-dia que, por vezes, são difíceis de abandonar, nem que momentaneamente.

Antes de interagir com os dados, o adivinho deverá proferir uma prece em que confia o ato a um deus. No cimo de uma montanha, perto da antiga localidade de Adada, na região de Pisidía (Anatólia), foi encontrada uma longa oração aos deuses que regiam a astragalomancia; segue-se o primeiro conjunto de versos (Heinevetter 1912: 34-35):

"*Senhor Apóllōn e Hermês, guiem-nos! E a ti que vagueias, te dizemos isto: Aquieta-te. Aprecia a excelência do oráculo, Pois Apóllōn P^{h}oîbos deu-a para nós, Esta arte da divinação, dos nossos ancestrais.*"	"Δέσποτα Ἀπόλλων καί Ἑρμεία, ἡγεῖσθαι Ἀντίοχος καί Βιάνωρ, παροδεῖτα, Ἴοδευ καί χρησμῶν αρετῆς απόλαυσον. Ἡμεῖν γὰρ εκ προγόνων μαντοσύνην Τήν οἱ πόρε Φοῖβος Ἀπόλλων."	"*Déspota Apóllōn kaí Hermeía, hēgeîst^{h}ai Antíok^{h}os kaí Biánōr, parodeîta, Híodeu kaí k^{h}rēsmôn aretẽs apólauson. Hēmeîn gàr ek progónōn mantosúnēn Tḗn hoi póre Phoîbos Apóllōn.*"

Esta oração era proferida por parte do vaticinador, dirigindo-se não só aos deuses, mas também à pessoa que o consultava.
Atualmente, pode optar-se por uma tradução e adaptação desta oração, ou por uma da autoria do praticante, que pode ser, como já foi referido anteriormente, dirigida a uma ou mais divindades (podendo omitir-se o "cliente").

Celtocrabiion

O método de tiragem irá seguir o relato de Tacitus, na medida em que todas os dados devem ser atirados para cima de um pano branco, sendo que, seguidamente, devem ser escolhidos 3 dados – tudo isto por parte do vaticinador que tem os olhos fechados – que o vaticinador irá, então, interpretar de acordo com os valores numéricos obtidos e a organização do padrão de cada dado.
No geral, todos os valores obtidos devem ser somados de modo a obter-se um número total; porém, existe uma regra essencial: um dado com 5 ou 6 pontos bem organizados [7], será somado aos outros que o acompanham, enquanto que um dado com 5 ou 6 pontos desorganizados[8], será subtraído. A título de exemplo, imaginando que o praticante seleciona os dados 3, 6 (bom), e 9, todos estes pontos deverão ser somados de modo a que se obtenha um total de 18 pontos. Todavia, se tivesse tirado 3, 6 (mau), e 9 – reorganizados como 9+3-6 – o total seria de 6 pontos.
No caso de se obter um número inferior a 0 ou superior a 21, o adivinho deve reunir todos os dados no recipiente, e voltar a lançá-los.
A tabela abaixo fornece todas as combinações e totais possíveis:

Número de pontos por dado			**Total**
3	4	5 (bom)	12
3	4	5 (mau)	2
3	4	6 (bom)	13
3	4	6 (mau)	1
3	4	7	14

[7] - Assinalado como 'bom', na tabela.
[8] - Assinalado como 'mau'.

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

3	4	9	16
3	5 (bom)	5 (mau)	3
3	5 (bom)	6 (bom)	14
3	5 (bom)	7	15
3	5 (bom)	9	17
3	6 (bom)	4	13
3	6 (bom)	6 (mau)	3
3	6 (bom)	7	16
3	6 (bom)	9	18
3	7	9	19
4	5 (bom)	5 (mau)	4
4	5 (bom)	6 (bom)	15
4	5 (bom)	6 (mau)	3
4	5 (bom)	7	16
4	5 (bom)	9	18
4	6 (bom)	6 (mau)	4
4	6 (bom)	7	17
4	6 (bom)	9	19
4	7	9	20
5 (bom)	6 (mau)	6 (bom)	5
5 (bom)	6 (bom)	7	18
5 (bom)	6 (bom)	9	20
5 (bom)	7	9	21
6 (mau)	5 (mau)	3	4
6 (mau)	5 (mau)	4	5
6 (bom)	5 (mau)	4	5
6 (bom)	5 (bom)	5 (mau)	6
6 (bom)	5 (mau)	9	10
6 (bom)	7	9	22 → nulo, repetir
7	5 (mau)	3	5
7	5 (mau)	4	6
7	5 (bom)	5 (mau)	7
7	6 (mau)	3	4
7	6 (mau)	4	5
7	6 (mau)	5 (bom)	6
7	6 (mau)	5 (mau)	-4 → nulo, repetir
7	6 (bom)	6 (mau)	7
9	5 (mau)	3	7
9	5 (mau)	4	8
9	5 (bom)	5 (mau)	9
9	6 (mau)	3	6
9	6 (mau)	4	7
9	6 (mau)	5 (mau)	-2 → nulo, repetir
9	6 (mau)	5 (bom)	8
9	6 (bom)	6 (mau)	9
9	7	5 (mau)	11
9	7	6 (mau)	10

Colaboração

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

Uma vez obtido o número total de pontos, o vaticinador deve consultar o respetivo oráculo – que pode ser lido abaixo – através de uma correspondência entre o número e uma das letras do alfabeto.

Total	Letra e Preceito	Oráculo
1	**A** *aballā* – macieira	A fé trará boas colheitas, tal como as eternas macieiras de Nantosu̯eltā dão frutos para os imortais.
2	**B** *Briganti̯ā* / *Brigindū* / *Bergūsi̯ā* / *Belisamā*	Ao redor do lume sentam-se os aliados, pois inspirado é o hospedeiro que partilha a sua riqueza.
3	**C** *cagi̯os* – cercado	Tal como a ovelha é protegida do lobo, também o homem se deve acautelar, pois a miséria é sagaz.
4	**D** *deru̯os* – carvalho	Sob a árvore de assembleias, mais árdua sob o céu, o digno rei não pode ser detido.
5	**Đ** *Đīronā*	Ainda que perdido na escuridão, a Rainha da Noite não abandona os devotos, e ilumina o caminho propício.
6	**E** *ecus* – gado	A bênção de Cernunnos traz alegria, mas deve ser bem vigiada, pois outros podem tomá-la.
7	**F** *fruti̯ā* – fluxo	A marcha das águas não tem fim, tal como as suas dádivas para quem dá.
8	**G** *garanos* – garça	Em céu, terra, e pântano, o seu canto anuncia o fluir dos ciclos.
9	**I** *īsarnon* – ferro	Em fogo o metal transforma-se, e combate a carne, mas ele próprio também pode transformar.
10	**I̯** *i̯ugos* – jugo	Nenhum Homem está sozinho, pois vínculos firmes, sob o olhar e verdade de Lugus e do Tōtātis.
11	**L** *lagu* – aflição	Quando a dor aperta a visão, a obra é poluída, e o seu senhor deve libertar-se.
12	**M** *mantālon* – estrada	Cada trilho é domínio do Errante Lugus, mas é o viajante que tem de escolher qual percorrerá.
13	**N** *namau̯s* – distribuição	Os feitos de cada Homem ditam a sua digna porção, sob a regência de Ogmi̯os, herói em palavra e clava.
14	**O** *ōχton* – frio	Inimigo de jovens e velhos, com força na noite, o seu veneno só poupa o urso.
15	**P** *poetus* – punição	O vassalo ocioso reconhece quando o castigo é digno. O vassalo prudente procura a excelência para evitar o castigo.
16	**Qu** *quaris* – justeza	A mentira é licor que envenena, a verdade é água que nutre. Quem verte retidão, será brindado com honra perpétua pelos bardos.
17	**R** *ri̯uros* – gordura	Sábio é aquele que faz provisões para o inverno, com elas protegerá a sua raiz e sementes.
18	**S** *sonnos* – sol	O do Olhar Amplo é vigia do mundo. Protegerá da doença, e queimará o gelo.
19	**T** *Taranus*	Virão chuva e relâmpago, e vento irado, mas a prosperidade nascerá.

Celtocrabulon

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com

20	**U** *Uquetis*	Apesar de não batalhar, até o artesão deve debater-se ao praticar o seu ofício.
21	**U̯** *u̯egnos* – carro de guerra	O instrumento do veloz incursor, que reconhece a ordem para libertar a fúria dos seus corcéis.

Bibliografia

Delamarre, Xavier (2003), *Dictionnaire de la Langue Gauloise*, Éditions Errance, Paris.

Green, Miranda J. (1992), *Symbol and Image in Celtic Religious Art*, Routledge, London.

Heinevetter, Franz. (1912), *Würfel- und Buchstabenorakel in Griechenland und Kleinasien*, Breslau.

Koch, John T. (2006), *Celtic Culture: a Historical Encyclopedia*, ABC-CLIO, California.

Kroonen, Guus (2013), *Etymological Dictionary of Proto-Germanic,* Leiden, Brill.

Landeau, Christian (2000), "Les Druides Gaulois – Exposition Temporaire du 29 avril au 5 novembre 2000" in *Révue l'Archéologue (nº spécial)*, Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray.

Mortensen, Jenna (2013), "Astragaloi: Greco-Roman Dice Oracles" retirado de https://ladyofbones.files.wordpress.com/2013/06/astragaloi-handout.pdf

Plīnius, *Historia Nātūrālis*.

Tacitus, *Dē Orīgine et sitū Germānōrum*.

Celtocrabion

Agradecimentos

Ao proprietário e autor do blog *Deo Mercurio*[9], pela inspiração provisionada ao partilhar o seu próprio método de divinação baseado em *gramatomancia* por via do alfabeto Lepôntico[10], assim como pela partilha de opiniões quanto à vertente helénica da arte da astragalomancia.

[9] - https://deomercurio.wordpress.com/
[10] - https://deomercurio.wordpress.com/2015/11/28/lepontic-grammatomancy-in-verse/

Não reproduza, em papel ou eletronicamente, nem cite este documento sem autorização do autor. Em tais casos, e para colocar dúvidas, envie um email para: condeuios.andiligtos@gmail.com